

ESTAÇÃO PEDRO VERSIANI

Gecernir Colen

Professor aposentado da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e membro da Academia de Letras de Teófilo Otoni, titular da cadeira 23.

Acordávamos bem cedo para esperar o “horário” que partia duas horas antes de Teófilo Otoni. Entre a estação e o majestoso pé de tamarindo centenário, crianças como eu e adultos amontoavam-se para presenciar a chegada do trem de passageiros. Era uma emoção indescritível que se repetia todo santo dia. O apito da “maria-fumaça”, o vapor saindo-lhe por todos os lados, o sobe e desce de passageiros que, mesmo se repetindo todos os dias, criavam uma atmosfera de encantamento que a todos envolvia. Mas, fantástico mesmo foi o dia em que por lá apareceu o primeiro trem “puxado” por uma máquina a diesel, enorme, de duas cabines, que podia se locomover nos dois sentidos, bastando ao maquinista mudar-se de cabine. Para nós, crianças, era um monstro de duas cabeças que nos tirava o sono - era o impacto da modernidade chegando às matas do Mucuri. Sim senhor (a), naquela época ainda existia mata atlântica por lá!

A primeira estação da Estrada de Ferro Bahia-Minas na direção da Bahia, que foi inaugurada em 1897, com parada obrigatória do trem de passageiros, distanciava-se cerca de cinco léguas de Teófilo Otoni. Ali eu nasci, quando o meu pai era o chefe de estação, e fui criado até os sete anos de vida, quando a minha família mudou-se para Teófilo Otoni, após breve passagem por Araçuaí.

Eu voltava sempre que podia a Pedro Versiani. As minhas férias eram ali gozadas, no lugarejo e na zona rural, em fazendas de parentes ou de amigos da família, todas próximas. A fazenda do meu avô Herculano ficava junto ao córrego Canabrava, cerca de seis quilômetros linha férrea abaixo, entre a pedreira da Saudade e a estação de São – João, à beira do Rio Todos os Santos. A ferrovia dividia, praticamente, a sede da fazenda. Na porteira, eu e meus primos, quando crianças em férias, esperávamos, de manhã, o pão comprado na padaria de Teófilo Otoni, pelo maquinista amigo, que, na curva, acionava o apito da máquina anunciando sua chegada - era o momento que pulávamos da cama e corríamos para a porteira. O pão de quilo, enorme, era lançado ao alto e não podíamos deixar que fosse ao chão – era uma questão de honra, talvez até mais do que de higiene. Por essas paragens andei até cerca dos meus vinte anos.

Os fatos mais marcantes da minha infância aconteceram em Pedro Versiani, nos anos das décadas de 40 e 50. Deles guardo comigo recordações que cultivo com todo zelo e carinho.

Aconteciam no ano duas festas religiosas: de São Sebastião (em Janeiro) e de Santana (em Julho). Eram bastante concorridas, com participação efetiva do pessoal do lugarejo e das redondezas (população rural) e, para lá se deslocava contingente significativo de pessoas de Teófilo Otoni, inclusive a banda do Chiquinho de Paula. Sem a banda não havia festa. As pensões não davam conta do recado e as pessoas se acomodavam nas residências de parentes e de amigos, sempre receptivas para os hóspedes que chegavam - as casas eram grandes com dois, três, quartos de hóspedes. Na casa do meu avô Herculano ficavam parentes, principalmente da minha avó Neném, provenientes da colônia de Santa Maria e de Ladainha. As festas propiciavam o reencontro de pessoas que moravam longe e que se transformava numa festa à parte. À sombra do pé de tamarindo ficavam as montarias daqueles que residiam nas fazendas das redondezas, ficando os animais, quando necessário, soltos nos pastos próximos ao lugarejo. A festa era intensa e durava do acordar ao adormecer, durante dois dias

seguidos, terminando em procissão com o padre franciscano à frente. A calma do dia seguinte era assustadora, retornando o lugarejo à sua rotina.

Naquela época o comércio de mercadorias para o consumo dos residentes e das fazendas era movimentado, havendo lojas de roupas e utilidades diversas, armazéns de secos e molhados, vendas e bares. Atendia, também, os viajantes que por lá passavam, em trânsito pela estrada de rodagem Santa Clara, aberta pelo Teófilo Benedito Otoni, em 1857. Na estação da ferrovia havia um depósito de cargas de mercadorias a serem transportadas – café, principalmente. O lugarejo, como cidades e tantos outros lugarejos que ficavam ao longo da ferrovia, de Araçuaí (MG) a Ponta de Areia (BA), sentiram, tremendamente, o seu fechamento. Trata-se da estrada de ferro, que, na visão do poeta, “ligava Minas ao porto, ao mar” e que, “mandaram arrancar”. Reconhecidamente, foi uma agressão à população que vivia na região e um tremendo erro estratégico de visão de futuro, que gerou entraves significativos ao desenvolvimento do nordeste mineiro. Quem sabe será reativada um dia?!

Meu avô Herculano era uma pessoa boníssima, de fino trato e amigo de todos. Todos gostavam do “Seu Cula”. Quando moço foi um exímio funileiro e com esse ofício “ganhou a vida” durante bom tempo, até se tornar proprietário da pequena fazenda “Canabrava”. Também era conhecido por outras habilidades. Conhecedor das plantas medicamentosas, sabia preparar remédios delas derivados (fitoterápicos) e dizia – se que era um “bom rezador de pastos”. Isso com um olho só, visto que perdera o globo ocular esquerdo em que penetrara um espinho e que fora retirado, como único recurso possível de tratamento, na época, por recém – formado oculista que, mais tarde, se tornaria famoso, na capital do estado.

Além dos fatos memoráveis por mim vivenciados tenho boas lembranças das pessoas que viviam em Pedro Versiani naquela época. Muitas delas contribuíram para a minha formação e influenciaram na moldagem do meu caráter e personalidade, como se à uma família única todos pertencessem, apesar dos diferentes sobrenomes que assinavam, como Caldeira Brant, Colen, Ferreira da Motta, Saldanha, Mota, Barbosa dos Santos, Borges da Mota, Gomes, Mollendörf, Dividorio, Dias da Silva, Silva, Valeriano Viana, Castro Pires, Costa, Batista, Patrício, Alves, Leite, Kapeba, Ferreira dos Santos e Quintal.

Pedro Versiani não tinha “dono”, isto é, alguém que “mandasse” no lugar, em decorrência de poder político ou econômico - financeiro. Todas as pessoas tinham a sua importância e, ao lembrá-las, destaco duas figuras importantes, que deixaram como marca a dedicação ao trabalho de educadoras, como as duas primeiras professoras do lugar: as senhoras Maria Elisa Caldeira Brant , conhecida como mestra “Quita”(minha tia - avó) e Dona Laurinha Noronha Silva.

Por isso e por muito mais, afirmo que Pedro Versiani é a minha estação primeira!